

Orientações do PCdoB para a fase final da campanha

Está chegando o momento de amarrar o voto nos nossos candidatos. Numa campanha eleitoral curta, como a que estamos enfrentando este ano, as dificuldades de mobilização do coletivo partidário são extremamente prejudiciais. Por isso, temos que passar rapidamente para a fase final, mobilizando o conjunto partidário, pedindo o apoio ativo daque-

les que simpatizam com as candidaturas comunistas para garantir a eleição, indicando para os eleitores o número dos candidatos.

Leia artigo do vice-presidente do PCdoB, Renato Rabelo

Página 3

A Classe Operária



PROLETÁRIOS
DE TODOS OS
PAÍSES, UNÍ-VOS

R\$ 1,00

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil

Um novo governo para enfrentar a crise!



O candidato da *União do Povo - Muda Brasil* à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, divulgou um comunicado conclamando a formação de um Movimento em Defesa da Nação Brasileira para enfrentar a crise econômico-financeira. Lula denuncia a responsabilidade do governo FHC no agravamento da crise no país, e proclama a formação de um novo governo, "que defenda o que a nação tem de mais importante: o seu povo."

Esta é a íntegra do comunicado de Lula:

Meus amigos,

Com a responsabilidade de candidato à Presidência da República, é meu dever alertar a todos os brasileiros sobre a gravidade da crise que atinge o Brasil.

Aparentemente, a crise não é assunto que diz respeito às pessoas comuns. Mas são elas que sofrem seus efeitos mais duros. Quero manifestar a minha extrema preocupação com os dias que nos aguardam.

Vivemos um momento de encruzilhada, onde está em questão a vida, o futuro de cada brasileiro e de cada brasileira. Há tempos venho alertando que a nação não pode ficar dependente do capital externo. A crise é mundial. Mas não atinge a todos os países com a mesma intensidade.

Há governos que se preocupam em proteger o seu povo e outros, como o governo brasileiro, que agiram de maneira irresponsável, abrindo mão da independência e soberania do país. Este governo expôs perigosamente o Brasil à ganância dos especuladores internacionais, com a sobrevalorização do câmbio, os juros altos e as importações indiscriminadas. Adotou esse caminho em prejuízo da poupança interna, da produção industrial e agrícola e

do crescimento das exportações.

A consequência mais dramática desta política é a quebra da indústria e da agricultura, e o desemprego em massa. O maior dos últimos anos. Tudo indica que a situação está chegando ao limite. E o que é mais grave: o governo oculta a profundidade da crise em função de seus interesses eleitorais.

Diante disso, quero conclamar a todo o povo brasileiro, que não compactua com essa vergonhosa entrega do país ao capital especulativo, a unir-se a nós num Movimento em Defesa da Nação Brasileira em torno das seguintes propostas:

1- Exigir do governo a imediata divulgação pública de todas as informações que revelem a verdadeira extensão da crise.

2- Promover um amplo debate nacional com o objetivo de encontrar saídas para a grave situação do país.

3- Exigir a imediata adoção das seguintes medidas emergenciais para proteção da indústria, da agricultura e do emprego no Brasil:

- Defesa da moeda e das reservas nacionais.
- Redução da taxa de juros para a produção.
- Redução das importações predatórias.
- Adoção imediata de uma política nacional de emprego.
- Presença soberana na Organização Mundial do Comércio para derrubar as barreiras tarifárias impostas pelos países desenvolvidos.

A situação em que o país foi colocado exige um novo governo, corajoso, responsável, que recupere a soberania e a independência do Brasil. Um novo governo que defenda o que a nação tem de mais importante: o seu povo.

Luiz Inácio Lula da Silva

Leia análise sobre a crise na página 5

Autor de *Hilda Furacão* apóia candidatos comunistas

O escritor Roberto Drummond, autor do livro *Hilda Furacão*, que deu origem à minissérie exibida na Rede Globo, publicou crônica, em Belo Horizonte, manifestando seu apoio aos candidatos Jô Moraes (deputada estadual) e Sérgio Miranda (deputado fede-

ral), do PCdoB.

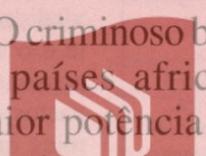
Drummond fala de sua "admiração muito grande por João Amazonas, desde que ele ainda era do PCB, antes do rompimento."

Veja a íntegra da crônica na

Página 2

EUA realizam bombardeio criminoso

O criminoso bombardeio de países africanos pela maior potência militar do planeta mostra a face agressiva e inescrupulosa do imperialismo. Em sua feição neoliberal, o capitalismo continua sendo inimigo ferrenho da liberdade.



Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Página 7



Carta a Jô Moraes

Roberto Drummond*

Brava e estimada vereadora Jô Moraes:

Esta carta aberta é dirigida à você (eu poderia também enviá-la ao deputado federal Sérgio Miranda) por sua condição de militante do PCdoB. Militante, é preciso acrescentar, respeitável na medida em que luta dedicadamente por seus ideais, sem perder a alegria de estar vivendo.

Alguns amigos, como o poeta Pablo Terra, estranham:

- Engraçado, aqui e ali, você solta farpas contra o PT e outros segmentos da esquerda, mas está sempre cobrindo de mimos o PCdoB.

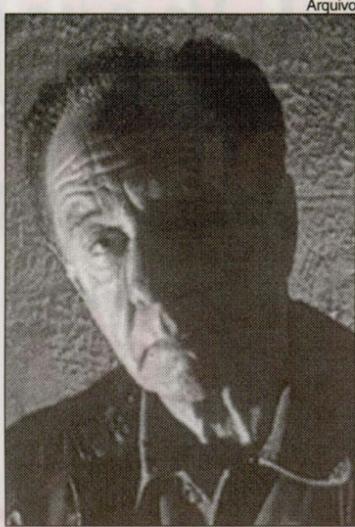
Bons amigos que militam no PT e no PPS (e não se esqueça, Jô Moraes, fui, com muita honra, militante do Partido), queixam-se:

- Por que você está sempre sendo simpático com o PCdoB e não tem a mesma atitude com os nossos partidos?

Não falta quem diga, Jô Moraes, a meu respeito:

- Para mim, você é o último militante clandestino do Brasil, ou seja, você é militante do PCdoB e esconde que é ...

Você sabe, Jô Moraes, que não faço parte dos quadros do PCdoB. Nem simpatizante eu sou. Tenho, no entanto, uma admiração muito grande por João Amazonas, desde que ele ainda era do PCB, antes do rompimento. E com que entusiasmo acompanhei, na época do regime militar, a Guerrilha do Araguaia. Recordo que escrevia em toda parte



Drummond: com Jô e Sérgio

disponível palavras de ordem de apoio à Guerrilha do Araguaia. E ajudava, contribuindo para a compra de materiais para a guerrilha. No embalo: em meu romance "Inês é Morta", que acaba de sair em francês, editado pela Metrópolis, de Genebra, pus uma dedicatória para Maria Lúcia Petit, que morreu lutando no Araguaia. E fiz dela modelo para uma guerrilheira que aparece no livro, cuja 4ª edição acaba de chegar às livrarias brasileiras com o selo da Geração (leia-se Luiz Fernando Emediato).

Até aí, tudo bem: ninguém da Esquerda reclama.

Quem, da Esquerda, não admira João Amazonas?

Quem, da Esquerda, não tem um carinho especial pela lembrança de Maria Lúcia Petit?

Quem, da Esquerda, não tem o maior respeito pela Guerrilha do Araguaia, que o PCdoB comandou?

O que meus amigos es-

querdistas não perdoam a este escrevinhador de quimeras, é o que eles chamam de "tratamento desigual". Eles dizem, com certo exagero:

- Você vive enchendo a bola de Jô Moraes e do Sérgio Miranda, só porque eles são do PCdoB...

Já votei, confesso, tanto em você quanto em Sérgio Miranda, e não me arrependo. Mas esta carta aberta tem uma razão, Jô Moraes. Estou chegando de São Paulo, onde fui gravar uma entrevista para a TV Cultura. De volta a Belo Horizonte, encontrei no Aeroporto de Congonhas um amigo empresário. Viemos no mesmo avião e ele disse num tom de tragédia:

- Minha filha entrou para o PCdoB. E agora, o que é que faço?

Vim de São Paulo a Belo Horizonte tentando tranquilizá-lo. E não consegui. Então tive uma idéia: pedir a você, Jô Moraes, que escreva uma carta aberta ao empresário, o pai da nova militante do PCdoB, tranquilizando-o. Você poderia fazer essa gentileza ideológica? Se puder, é só me mandar 70 linhas digitadas, com 72 toques, que publicarei aqui. Na esperança de que você atenda ao meu pedido, deixo aqui um abraço, desejando a você (e ao deputado Sérgio Miranda) todas as alegrias pessoais, e envio ainda uma saudação a João Amazonas.

* Autor de *Hilda Furacão*, jornalista. Artigo publicado no *Jornal Hoje em Dia, Belo Horizonte, 31/agosto/1998*

Do PPS para o PCdoB

No dia 15 de agosto, a presidente do PCdoB de Minas Gerais e vereadora por Belo Horizonte, Jô Moraes, participou de uma importante reunião em Alfenas, sul de Minas.

Durante ato na Câmara Municipal de Alfenas, 13 militantes do Partido Popular Socialista divulgaram uma carta onde anunciavam o desligamento da Executiva Municipal do PPS e comunicavam a filiação ao PCdoB.

Os novos filiados, pessoas de expressão em Alfenas, tendo à frente o advogado trabalhista Daniel Murad, listaram uma série de motivos para se desligarem do PPS. Começa-

ram lembrando que, ao ser fundado, o PPS tinha dois caminhos a seguir. Um, de se firmar como partido marxista - caminho que exigiria a priorização da articulação dos movimentos sociais e a participação nas lutas dos trabalhadores. Porém, segundo autores da carta, o PPS tomou caminho inverso, optando por fechar com as questões eleitorais, procurando candidatos de plantão para as próximas eleições, "procedendo como se fosse (e tememos que o seja) legenda hospedeira e de aluguel".

Entendendo que o Partido Popular Socialista, seguindo a

perigosa trajetória para o centro, se transforma num instrumento extremamente servil aos interesses das elites decidiram abrir o jogo e mostrar que "no PPS de hoje não cabem mais os comunistas, aqueles que apostam na transformação da sociedade, através da organização e da ação dos oprimidos, em busca de uma sociedade sem exploração".

Para Jô Moraes, a filiação destes companheiros significa uma importante vitória para o PCdoB, "principalmente porque o Sul do Estado sempre foi uma região onde a hegemonia conservadora predominou nos últimos tempos." A filiação destas pessoas demonstra a vitalidade da proposta socialista e o seu reflexo na vida das pessoas que, apesar dos impactos de uma política econômica que beneficia apenas os mais ricos, insistem na busca de uma alternativa avançada e coerente para o país, finalizou Jô Moraes.

Goiânia debate ciência e cultura

Realizou-se entre 17 e 29 de agosto o IV Fórum Goiano sobre Cultura, dedicado este ano ao tema "Cultura e Ciência - Relação, Limites e Impactos". Foram realizados debates, mini-cursos, oficinas, exposições, shows musicais, espetáculos de dança e de teatro, e festival de cinema, dentre outras atividades, chegando a reunir mais de 7 mil pessoas. Os debatedores incluíram os escritores Fábio Lucas e Moacir Scliar, o jornalista José Carlos Ruy e o professor Olival Freire. A mostra cinematográfica foi dedicada ao Cinema Brasileiro dos Anos 90, e várias atividades estavam relacionadas ao festival Multi Étnico, em uma forma de homenagem às etnias que formaram o povo brasileiro. Na abertura foi divulgada a lista dos dez artistas e intelectuais goianos premiados com a Comenda Professor Colemar Natal e Silva. A comenda foi criada pela Assembléia Legislativa, a partir de projeto da deputada Denise Carvalho, e homenageia, o fundador da Universidade Federal

de Goiás.

Desde o primeiro Fórum, criado em 1995 por iniciativa de Denise Carvalho, deputada estadual pelo PCdoB, a iniciativa só tem crescido, passando a agregar diversas organizações sociais e contando com o apoio de diversas instituições.

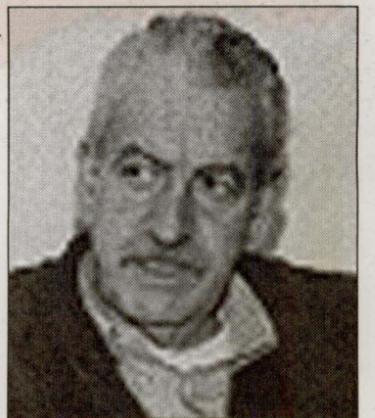
O Fórum divulgou um Manifesto onde afirma que "a atual situação de nosso país entrava - pela miséria, fome, ignorância e degradação de condições mínimas de sobrevivência digna - a enorme capacidade criativa de nosso povo, submete os artistas e criadores culturais aos ditames dos cegos interesses de mercado, tentando circunscrever as possibilidades de criação, de difusão e de circulação de bens culturais apenas àqueles que tenham lugar no mercado", e reiterando que "para o desenvolvimento cultural de um povo é necessário que se constitua um Estado verdadeiramente democrático, não só em sua estrutura política, mas também no campo econômico e social."

Comunistas lamentam morte de ex-deputado paranaense

Maurício Fruet, ex-prefeito de Curitiba e ex-deputado federal, morreu no último dia 30, aos 59 anos. Fruet morreu durante uma segunda cirurgia do coração, que tentava estancar uma hemorragia na aorta. Manifestando-se "profundamente entristecido com a morte prematura do companheiro e amigo", o Comitê Estadual do PCdoB do Paraná, em nota oficial, afirmou: "De Maurício Fruet, os comunistas desejam declarar, de público e de coração: foi um homem de irreversível caráter, fraterno e solidário, exemplarmente tolerante, honesto, democrata e progressista".

A nota prossegue: "Foi amigo dos comunistas desde os tempos em que essa relação implicava riscos. Comungou, com os comunistas, de generosas idéias para nosso Brasil e nossa gente. Sonhou e lutou por um mundo mais justo, mais fraterno e solidário. E por assim pensar e agir, Maurício Fruet construiu em torno de si uma das mais talentosas e honradas biografias políticas do Paraná".

Advogado e jornalista, Fruet foi locutor esportivos nos anos 50 e 60. Em 1968 foi eleito vereador em Curitiba; em 70 e 74, deputado estadual; em 78, deputado federal. Em 1982 reeleger-se para a Câmara Federal como o candidato mais votado do Paraná (mais de 140 mil votos). Em 1983 foi indicado, pela Assembléia Legislativa do Estado, prefeito de Curitiba. Em



Maurício Fruet

1986 retornou à Câmara Federal. Durante a Assembléia Nacional Constituinte, apresentou mais de 200 emendas, perfilando com as bancadas progressistas e de esquerda - em particular com a do PCdoB - para defender uma plataforma popular, democrática e nacionalista para o Brasil. Presidente da Fundação Pedroso Horta desde 1995, Fruet estava em campanha para a Câmara Federal.

Sempre bem humorado, politicamente amplo, Fruet mantinha relações políticas e de afeto com o PCdoB, em particular com os deputados federais. Manifestava grande apreço e respeito por João Amazonas, a quem recebeu em sua casa numerosas vezes, cumulando-o com gestos de afeição, junto com sua esposa Ivete. Seu herdeiro político, vereador Gustavo Fruet, foi quem propôs a sessão especial da Câmara Municipal de Curitiba, em março do ano passado, para homenagear os 75 anos do PCdoB.

EXPEDIENTE

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - Edição: Guiomar Prates (Mtb 7061/31/04v), Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 -SP) e Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL) **Estagiária:** Gabriela Mendonça. **Editoração Eletrônica:** Sandra Luiz Alves - **Administração:** Franczyrose de Andrade Matarazzo. Publicação quinzenal da *Editora Jornalística A Classe Operária* - Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP 01318-020 - Fone: (011) 3104 4140
PCdoB na Internet: <http://www.pcdob.org.br>,
E-mail: classeop@ruralsp.com.br



Renato Rabelo, vice-presidente do PCdoB, analisa a campanha eleitoral e fala das metas e objetivos do Partido. Ele destaca a necessidade de mobilizar a militância para garantir votos nas coligações integradas pelos comunistas e a eleição dos candidatos do PCdoB

Campanha entra na reta final

Renato Rabelo*

Está chegando o momento de amarrar o voto nos nossos candidatos. Numa campanha eleitoral curta, como a que estamos enfrentando este ano, as dificuldades de mobilização do coletivo partidário são extremamente prejudiciais. Por isso, temos que passar rapidamente para a fase final, mobilizando o conjunto partidário, pedindo o apoio ativo daqueles que simpatizam com as candidaturas comunistas para garantir a eleição, indicando para os eleitores o número dos candidatos.

As forças governistas conseguiram impor uma campanha despolitizada. O debate político está empobrecido, com os candidatos multiplicando "promessas" muitas vezes irrealizáveis. Tanto na disputa nacional quanto nas estaduais, Fernando Henrique e os candidatos que o apóiam fazem da campanha um show, sem sintonia com a realidade vivida pelo país. Escondem do eleitorado o projeto político que estão implementando no país, de desnacionalização, de exclusão, de precarização das relações de trabalho, de subordinação do Brasil aos interesses do grande capital.

A grande polarização entre o movimento nacional e o governo Fernando Henrique precisa ganhar contornos nítidos. A *União do Povo - Muda Brasil* lançou, recentemente, um Manifesto em Defesa da Nação denunciando a vulnerabilidade do país diante da crise internacional e responsabilizando FHC pelos rumos desastrosos dados à economia brasileira. Os meios de comunicação, em especial a TV e os jornais de maior circulação, uniram-se em torno de FHC. Multiplicam as reportagens tentando desmoralizar Lula e as oposições, e incentivam o preconceito contra um candidato oriundo do movimento operário e popular, vindo do povo. Minimizam a discussão em torno dos rumos que serão definidos para o país no processo eleitoral.

Características das eleições de 98

As eleições de 1998 têm características próprias, que devem ser analisadas e levadas em conta em nossa atua-

ção. Estas são eleições múltiplas (Presidência da República, governos de Estado, um terço do Senado, Câmara Federal, assembleias legislativas). Assim como as elites buscam descaracterizar a discussão do projeto nacional na campanha presidencial, nas campanhas para os governos estaduais o debate é levado apenas ao nível local, descolado da disputa nacional que está sendo travada. Com raras exceções, os candidatos a governador limitam-se às discussões sobre os problemas de seus Estados, desvinculados da grave situação vivida pelo país.

O fato da campanha ser muito curta em relação às campanhas anteriores favorece aos situacionistas. O debate, a apresentação de propostas, a troca de opiniões sobre a situação local e nacional ficam altamente prejudicados. Ao mesmo tempo, os candidatos ao parlamento tendem a centrar suas campanhas objetivando unicamente a própria eleição. Também neste aspecto, os temas nacionais, gerais, ficam num segundo plano. A tendência natural do candidato é voltar-se para a própria eleição, deixando de lado as preocupações mais abrangentes.

Estamos também vivendo a primeira experiência em larga escala do voto eletrônico. A nova forma de votação será exercida pela primeira vez nos grandes centros, o que trará desafios e aprendizados para os estrategistas de campanha. Precisamos estar atentos para apurar qual a melhor forma de abordar e esclarecer o eleitor sobre como garantir o voto correto nos candidatos de sua preferência.

As metas eleitorais do PCdoB

As eleições constituem episódios importantes da luta dos comunistas. São momentos que não podem ser subestimados. Para jogar o seu papel no processo político, o PCdoB tem que crescer e garantir a eleição de uma bancada atuante e de alto nível, integrada por camaradas vinculados aos movimentos sociais e fiéis aos interesses dos trabalhadores e do povo.

Além da União do Povo - Muda Brasil, para a disputa presidencial, nesta campanha



nós estamos participando das coligações majoritárias de esquerda e centro-esquerda para os governos estaduais e para o Senado. Concentramos os objetivos partidários na eleição de deputados federais e estaduais. Aumentou a influência partidária, comparativamente a 1994. Lançamos 37 candidatos à Câmara Federal e 101 candidatos para as assembleias legislativas, o que projeta lideranças locais, regionais e estaduais. O Partido acumulou experiência razoável nas disputadas eleitorais, e é raro o Estado com debilidades maiores para organização e comando das campanhas. Desde a última eleição, o Partido cresceu e surgiram muitas lideranças comunistas com prestígio junto à população.

Existem também debilidades. É necessário um maior investimento para fazer a estrutura partidária crescer e se fortalecer. É fundamental o desenvolvimento, no decorrer da campanha, de atividades de filiação e organização das bases. Nestes últimos dias que antecedem a votação, precisamos mobilizar a base social sob influência dos comunistas e mobilizar os sindicalistas, que ainda não entraram em ritmo de campanha. Entre a juventude, nos bairros e no movimento feminista enfrentamos dificuldades. Essas frentes de atuação ficam voltadas mais para seus problemas locais, internos, e, numa campanha curta, as dificuldades de mobilização podem ser muito prejudiciais para os nossos candidatos. Esses problemas devem ser enfrentados pela direção e pelo coletivo.

Tarefas urgentes até o dia 4 de outubro

A questão financeira é crucial, é um ponto de partida para a solução de todos os

outros problemas. O Partido e os candidatos devem realizar atividades de arrecadação de fundos, que permitam investimentos emergenciais para garantir o bom andamento da campanha. Em alguns locais deverão, inclusive, ser contratados funcionários para trabalhar em tempo integral nestes últimos dias. Essas contratações não podem substituir a necessária mobilização de militantes e amigos. Naturalmente, essa mobilização só será alcançada com êxito se houver a discussão, o convencimento político dos camaradas sobre a importância da batalha eleitoral e da conquista de mandatos para o PCdoB.

Temos que garantir, igualmente, o volume de campanha de nossos candidatos. A colocação de *out-doors*, realização de colagem de cartazes, divulgação de *jingles* e distribuição de colas (folhetos com os números de nossos candidatos, que deverão ser leva-

dos à cabina de votação) e de porta-títulos de eleitor são substituíveis na criação do volume de campanha.

Há menos de um mês das eleições, as pesquisas indicam que 90% dos eleitores não têm candidatos a deputado federal e 80% não têm candidato a deputado estadual. O próprio Tribunal Eleitoral destaca a importância das *colas* para auxiliar o eleitor, que terá que votar em cinco candidatos diferentes, de presidente da República a deputado estadual. Este fato só faz ressaltar ainda mais a importância de organizarmos equipes de boca de urna para o dia da votação.

O Partido Comunista do Brasil está empenhado em obter resultados significativos nesta campanha eleitoral, elegendo os parlamentares comunistas e batalhando pela vitória dos candidatos das coligações que integramos.

* vice-presidente do PCdoB



Como participar da campanha dos candidatos do PCdoB

É exemplar a carta que o deputado estadual e candidato à reeleição em São Paulo, Jamil Murad, enviou ao eleitorado, sugerindo estas formas de participação na campanha:

- Distribuindo folhetos aos amigos e conhecidos;
- Fazendo boca de urna no dia da eleição;
- Colocando faixa em casa;
- Realizando reuniões de amigos com o candidato;
- Participando de reuniões

das campanhas;

- Cedendo muro para pintura;
- Contribuindo financeiramente;
- Cedendo espaço para formar comitê.

Estas sugestões podem ser complementadas com outras, que os próprios eleitores podem dar. O diálogo do Partido com a população é sempre uma forma de aprimorar essas atividades.

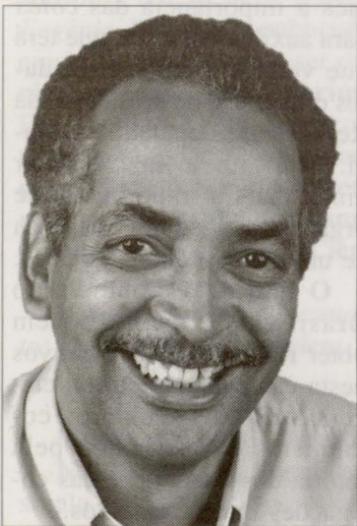
CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Campanha ampla pode aumentar bancada comunista em São Paulo

Guiomar Prates

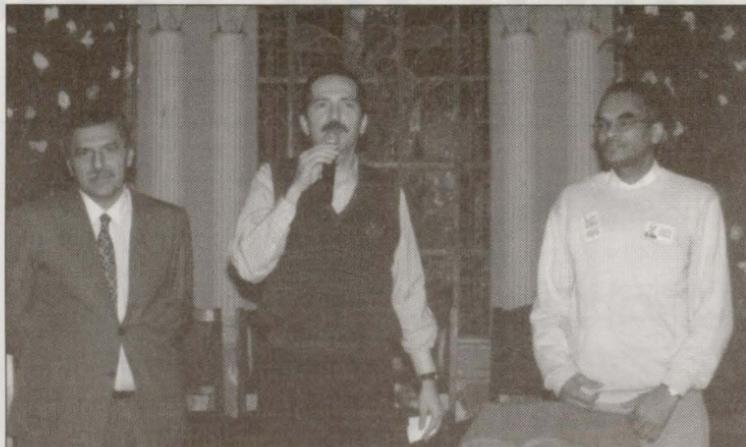
São Paulo é o segundo Estado com maior número de candidatos comunistas (em primeiro, a Bahia). Dois para deputado federal e dez para estadual. Segundo Valter Sorrentino, presidente do PCdoB no Estado e suplente do candidato ao Senado, Eduardo Suplicy, no mês de setembro o Partido pretende realizar agitações em dois pontos centrais da capital: a Praça Ramos e a Avenida Paulista.



Vital Nolasco

O PCdoB concentra esforços para reeleger seus atuais parlamentares e eleger mais um estadual e outro federal.

Uma reunião da Comissão



Jamil Murad, Aldo Rebelo e Nivaldo Santana, no lançamento do Manifesto, dia 1º de setembro

Política estadual, dia 31 de agosto, decidiu por fazer dois movimentos: politizar a campanha, denunciando a política de FHC e, no plano estadual, centrar o ataque em Paulo Maluf. nha.

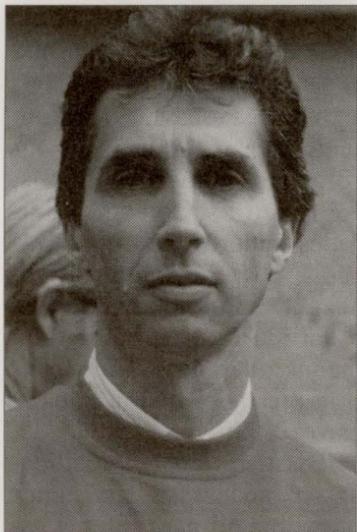
Câmara Federal

Para a Câmara Federal, concorrem o atual deputado, Aldo Rebelo, e o suplente de vereador na Capital, Vital Nolasco.

No dia 1º de setembro, aconteceu o lançamento de um manifesto em apoio à candidatura de Aldo, assinado por mais de 200 personalidades e artistas. Entre elas, Oscar Niemeyer, Aziz Ab'Saber, Ariano Suassuna, Aníbal Fernandes, Augusto Boal, Walter Franco, Luis Melodia, Nelson

Werneck Sodré, os irmãos Paulo e Chico Caruso, Demerval Saviani, David Capistrano e Sara Kanter.

Aldo conta com apoios importantes: do PCB e da Associação das Esposas de Militares das Forças Armadas. Também a Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais (Alanac) decidiu, em reunião de diretoria, pelo apoio formal à sua candidatura.



Sérgio Benassi

ra, por sua posição contra a Lei de Patentes.

Tem o apoio da Gaviões da Fiel, do Sport Clube Corinthians Paulista. Os dirigentes de

várias federações e sindicatos também estão trabalhando para a candidatura de Aldo.

Vital Nolasco

A campanha de Vital Nolasco está concentrada na Zona Sul da Capital, na área operária e no movimento popular. É o único candidato de esquerda à Câmara Federal, na região. Um ônibus pintado de vermelho transformou-se em *out door* ambulante e circula durante todo o dia com os jingles de Vital e Nivaldo Santana.

Outro ponto de sustentação de sua candidatura é o movimento negro. Um manifesto em seu apoio e à candidatura de Nivaldo foi lançado em com expressivas adesões, como o da cantora Leci Brandão, do historiador Clóvis Moura, da carnavalesca da escola de samba Peruche, Teresa Santos, de Flávio Jorge, presidente do Fórum Estadual de Entidades Negras, e da senadora Benedita da Silva.

Deputados estaduais

Os dois atuais deputados estaduais, Jamil Murad e Nivaldo Santana, são candidatos a reeleição.

Segundo o coordenador da campanha do médico Jamil, Tadeu Ribeiro, o setor de saúde é um dos mais mobilizados. No chamado quarteirão da saúde, que inclui o hospital das Clínicas, mais de 100 militantes realizaram uma grande panfletagem. Jamil tem participado ativamente das lutas reivindicatórias de sua categoria. Recentemente, denunciou o presidente da Fundação da Faculdade de Medicina, que usou indevidamente recursos ser destinados para melhorar o atendimento.

Já para Nilvaldo Santana,



Majô

a principal base de apoio são os trabalhadores da Sabesp (companhia de saneamento do Estado). Na eleição deste ano, a tendência é que aumente o número de votos vindos de sua categoria. "Estamos realizando um trabalho de ampliação, pedindo a cada trabalhador que forme comitês domiciliares. Sentimos um grande apoio em função da luta, até o momento vitoriosa, que desenvolvemos, junto com o sindicato, contra a privatização da Sabesp. É uma campanha concentrada. Utilizamos mala direta, visitas e reuniões nos bairros", diz Nivaldo.

A campanha da assistente social e vereadora Majô Jandreice a deputada estadual ganhou um novo fôlego nestes últimos dias, com a cassação do prefeito de Bauru (sua cidade), acusado de corrupção. Majô foi a presidente da Comissão Especial de Inquérito que investigou as denúncias.

O médico Sérgio Benassi é outro candidato a deputado estadual no interior paulista que vem desenvolvendo campanha ampla e ganhando apoios expressivos em sua região. Sérgio é vereador do PCdoB em Campinas.

Amazonas saúda os 15 anos da CUT

A Central Única dos Trabalhadores comemorou, dia 21 de agosto, 15 anos de existência. João Amazonas presidente do PCdoB, enviou esta mensagem de congratulação:

Em seus 15 anos de existência, a Central Única dos Trabalhadores transformou-se na principal referência sindical dos brasileiros. Formada por sindicalistas que desafiaram a ditadura militar na defesa dos direitos trabalhistas e na luta por condições dignas de trabalho e salário, a CUT rompeu com as limitações impostas pela legislação que impedia as relações intersindicais e foi fundamental pela conquista, na prática, do direito de greve e de manifestação dos trabalhadores.

A Central vem desempenhando papel destacado também na formação de sindicalistas combativos na luta pelo fim das desigualdades econômicas e sociais, no combate ao racismo e às discriminações contra as mulheres e contra setores marginalizados da sociedade.

Hoje, é decisiva a atuação da CUT no enfrentamento ao

neoliberalismo e aos ataques aos direitos dos trabalhadores. Os pronunciamentos e as atividades dos sindicalistas cutistas contra a divisão do movimento sindical e a precarização das relações de trabalho são uma referência fundamental para o conjunto da sociedade.

Os sindicalistas classistas, identificados com o PCdoB, atuam decisiva e organizada para o fortalecimento da Central Única dos Trabalhadores, sua constante e permanente democratização e ampliação. O papel da CUT na construção da unidade dos trabalhadores da cidade e do campo, em prol da dignidade para quem faz o Brasil, no campo e nas cidades, tornou-se, nestes 15 anos, um patrimônio de todos os brasileiros amantes da liberdade, do progresso e da amizade entre os povos.

Felicitações a todos os cutistas pelo trabalho desenvolvido nestes 15 anos!

Sucesso para a CUT!

Dignidade para quem faz o país!

João Amazonas,
Presidente do PCdoB

UBM completa dez anos

Liège Rocha*

Há dez anos, 1200 mulheres de todo o país, reunidas em Salvador, criaram a União Brasileira de Mulheres (UBM) para lutar por seus direitos, emancipação e igualdade nas relações de gênero.

A UBM já realizou quatro Congressos, importantes eventos nacionais e desenvolveu campanhas como "Pelos direitos da mãe trabalhadora" e "Mulher, seu voto não tem preço".

A entidade está compro-

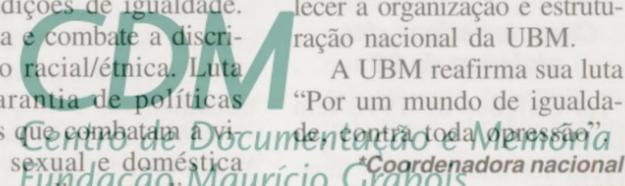
metida com a defesa de "um mundo de igualdade, onde a metade feminina não seja discriminada na sua condição de cidadã e trabalhadora", expresso no Manifesto Programa, de 1988.

A UBM defende o reconhecimento da função social da maternidade e do acesso das mulheres ao trabalho em condições de igualdade. Condena e combate a discriminação racial/étnica. Luta pela garantia de políticas públicas que combatam a violência sexual e doméstica contra a mulher, atendimen-

to integral à saúde da mulher e implantação de uma rede de creches públicas.

A UBM ganhou respeito e ampliou sua influência política. No momento atual é preciso fortalecer a resistência ao neoliberalismo, a defesa de políticas públicas e espaços institucionais conquistados pelas mulheres e fortalecer a organização e estruturação nacional da UBM.

A UBM reafirma sua luta "Por um mundo de igualdade, contra toda opressão".
*Coordenadora nacional da UBM





A crise na Rússia...

Umberto Martins

Empenhado em conjurar o fantasma da crise, o governo FHC não tem poupado argumentos para provar que o Brasil é diferente da Rússia e acentuar as particularidades econômicas daquele país, cuja moeda (o rublo) sofreu uma desvalorização de 61,1% em agosto. O frágil governo Yeltsin decretou uma moratória provocando prejuízos estimados em mais de 50 bilhões de dólares aos magnatas do sistema financeiro internacional, derramando pânico e derrubando bolsas e moedas pelo mundo afora.

Não deixam de ser notáveis as particularidades da Rússia, decorrentes do processo de transição ao capitalismo impulsionado com a "perestroika" de Gorbachov. Boa parte da singularidade do capitalismo russo provém da natureza da sua burguesia. A revolução soviética havia abolido a propriedade privada dos meios de produção, liquidando as antigas classes dominantes. Por isto, a restauração da chamada economia de mercado (em sua plenitude) ocorreu num ambiente um tanto hostil, sem uma cultura e atores sociais característicos do capitalismo.

A atual burguesia, que ainda dá as cartas, foi recrutada entre os agentes do mercado clandestino e da corrompida burocracia soviética. A histó-

ria da acumulação primitiva de capital na Rússia resume-se a um processo de pilhagem do Estado e do patrimônio público (via privatizações), disputados a ferro e fogo por grupos mafiosos – o que justifica o conceito de "capitalismo de bandidos", hoje largamente utilizado para caracterizar a economia do país.

Fase crítica do capitalismo

A transição burguesa na Rússia não ocorreu num momento de prosperidade do sistema capitalista mundial, como aquele que percorreu as primeiras décadas do pós guerra (os chamados anos dourados, que duraram pelo menos até o início da década de 70). Ainda em curso, é um movimento que se dá numa fase crítica, de decadência do sistema, caracterizada pela elevação do nível de desemprego e taxas de crescimento e lucros declinantes, em que o grande capital busca refúgio na especulação financeira e na centralização, através de grandes fusões e aquisições.

A restauração capitalista vem sendo marcada por crises e sobressaltos intermitentes. Nas diversas vezes em que a Rússia se aproximou do precipício (no qual agora parece ter caído de vez) as potências capitalistas (agrupadas no G-7) se reúnem, FMI e Banco

Mundial são acionados, anuncia-se um bilionário pacote de ajuda e, por alguns segundos, o mundo burguês respira aliviado. Este ritual tragicômico foi iniciado em 1992, quando o G-7 e o FMI prometeram uma ajuda de 24 bilhões de dólares, reforçado em 1993 (quando o Parlamento foi bombardeado por determinação de Yeltsin), com anúncio de um socorro superior a 40 bilhões de dólares, e tornou-se recorrente (na véspera da atual crise, o FMI voltou a prometer um pacote de 28 bilhões de dólares). Precisamente em virtude da fase crítica que atravessa, o sistema, como um todo, e os EUA, em particular, não estão em condições de reeditar um Plano Marshal para o Leste europeu, como propõe o ex-ministro da Economia argentina, Domingos Carvalho.

Provavelmente não há quem mais tenha contribuído para evidenciar a falência e desmoralização do FMI que a mafiosa Rússia de Yeltsin, cenário da manifestação mais radical do fracasso do projeto neoliberal. É igualmente flagrante a impotência dos governos capitalistas diante da crise (seja na Rússia, Ásia ou América Latina), que avança de forma objetiva e implacável.

O mocinho é também o bandido da crise

A crise não está restrita à Rússia, e nem mesmo a uma



Garoto ao lado do cartaz de câmbio de um banco em Moscou

região específica do mundo. É um fenômeno global, que tem um protagonista muito bem definido, o capital financeiro, a cada dia mais agiota, especulador e arisco. Um personagem exemplar da espécie é George Soros, naturalizado norte-americano, que teria amargado um prejuízo de 2 bilhões de dólares com a moratória russa.

É o mocinho (ou bandido, dependendo do ponto de vista) da nossa história, que lidera as altas e baixas das bolsas (na Rússia, no Brasil, nos países asiáticos), o grande agente da crise do sistema financeiro mundial, que deu seus primeiros sinais no México em dezembro de 1994,

mergulhou a Ásia na depressão, chegou à Rússia e está batendo às portas do Brasil. É quem, durante a tempestade, entra em pânico e foge como rato assustado, movimentando seus fictícios bilhões, alterando o fluxo internacional de capitais, provocando colapso de bolsas e moedas e abrindo caminho à recessão.

Esta figura proeminente do neoliberalismo e da malfadada "globalização" está elevando a crise estrutural do capitalismo a um novo patamar, que prenuncia tempos ainda mais difíceis que os vividos na década de 30, que – na ausência de uma solução progressista – desaguaram (é bom lembrar) na 2ª Guerra Mundial.

...e no Brasil

A crise já chegou ao Brasil. Sua existência é provada, entre outros fatores, pelo comportamento da produção (em queda), do emprego (índice de desemprego mais alto do século), das bolsas (baixa, no Bovespa, de 40,2% em agosto, depois da badalada privatização da Telebrás), das dívidas externa e interna e do déficit público. As perspectivas para o País são sombrias e as previsões para o próximo ano vão da estagnação a uma recessão econômica que subtrairá no mínimo 2% do PIB.

É indubitável que a crise assumirá formas mais dramáticas com o ajuste, ou o colapso, do câmbio. A única questão que se coloca neste sentido é: quando? Ou, na formulação do jornal inglês "Financial Times": será que o governo segura as barras até as eleições? Considerando o montante das reservas cambiais, ainda superiores a 60 bilhões de dólares, é provável que sim. Se assim for, o ajuste do valor da moeda será protelado para algum momento

depois das eleições, mas pode-se apostar em sua inevitabilidade (para usar uma palavra controversa).

A vulnerabilidade e dependência econômica do país ao capital estrangeiro aumentou assustadoramente durante o governo FHC e o cenário piorou após o estouro da crise asiática em outubro passado. O passivo externo (constituído pela dívida e outras obrigações com estrangeiros)

cresceu 77% desde o início da atual gestão econômica e a necessidade de financiamento para fechar o balanço de pagamentos até o final deste ano supera a casa dos 50 bilhões de dólares e deve chegar a US\$ 55 bilhões em 1999 (número composto pelo déficit em transações correntes – principalmente pagamento de juros e remessa de lucros –, mais de US\$ 30 bilhões, e amortização da dívida exter-

na, mais de US\$ 20 bilhões). É um volume de recursos cerca de quatro vezes maior que aqueles exigidos para bancar os rombos das contas externas na crise da década perdida (anos 80), o que foi feito, por sinal, por meio de custosos superávits comerciais.

Sugerir que será fácil, ou mesmo possível, captar tais recursos no exterior no atual cenário, como faz FHC, é vender ilusões ao povo e ocultar um estelionato eleitoral. A crise encerra pelo menos duas novidades: a economia mundial está mergulhando na recessão e o fluxo de capitais muda de curso. A fonte está secando para os chamados "países emergentes" – o fato de que nem mesmo a privatização da Eletrobrás evitou a fuga de 11 bilhões de dólares do país durante o mês de agosto é um entre outros indicadores da mudança de cenário.

Trata-se de uma matemática simples. Dada a inevitabilidade de bancar o rombo das contas externas com refinanciamento e "investimentos di-

retos", como ocorreu até agora, será preciso recorrer a outros meios para gerar divisas – sendo o principal, senão único, a reversão do saldo da balança comercial (hoje negativo para positivo). É esta a razão que torna a crise cambial inevitável e tão previsível como um pôr do Sol. Imaginar que (mais à frente) poderemos cobrir o rombo com superávits comerciais, como fizemos durante a década perdida (estejam certos que os credores exigirão isto) é também ilusório. Seria insuportável socialmente e inviável economicamente.

A crise, entre nós como na Rússia e na Ásia, expressa o deslocamento entre a acumulação de capital na esfera financeira e a valorização real do capital na produção (aliás, esta só pode ocorrer no processo produtivo). Chega o momento (e, ao que tudo indica, é o que estamos vivenciando) em que o ajuste deste país desespero dos agiotes, significa desvalorização das dívidas.





FICHA DE LEITURA

Do socialismo utópico ao socialismo científico -Engels

Texto & Contexto

Em 1875, Eugênio Dühring, professor da Universidade de Berlim, publicou um livro que daria conta de uma teoria socialista e de um plano de reorganização da sociedade. Uma tentativa de chamar a seu redor setores do movimento operário para enfraquecimento do Partido Socialista da Alemanha, que vinha se tornando uma potência. Engels escreveu uma série de artigos com severas críticas às pretensões reacionárias desse escritor, reunindo-os em um livro sob o título "A subversão da Ciência pelo senhor Eugênio Dühring", publicado em 1878, que passou a ser conhecido como **Anti Dühring**. Em 1880, Engels destacou três capítulos desse livro para ser publicado em um folheto sob o título "**Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**".

● *Anote mais sobre o contexto: Prefácio à edição inglesa.*

O Texto

Estruturado em três capítulos. No **Capítulo I**, Engels assinala os méritos das teorias socialistas do passado (principalmente as dos socialistas utópicos) e discute seus limites e equívocos, salientando que, "para converter o socialismo em ciência era necessário, antes de tudo, situá-lo no terreno da realidade". No **Capítulo II** sintetiza características do método dialético (em oposição ao metafísico) e da concepção materialista (em oposição à idealista), mostrando que é a *concepção materialista de história* (o materialismo dialético-histórico) que permite a análise científica do modo capitalista de produção, o entendimento de como se dá a exploração do trabalho sob esse regime e a demonstração da necessidade e possibilidade de sua superação. "Desse modo o socialismo já não aparecia como a descoberta casual de tal ou qual intelecto genial, mas como o produto necessário da luta entre as duas classes formadas historicamente: o proletariado e a burguesia". No **Capítulo III** analisa as contradições básicas do capitalismo (capital x trabalho, burguesia x proletariado) e suas manifestações no conflito entre as forças produtivas e as relações de produção: "a incompatibilidade entre a produção social e a apropriação capitalista"; "o antagonismo entre a organização da produção dentro de cada fábrica e a anarquia da produção no seio de toda a sociedade". Enfatiza a revolução proletária

como ato que socializa os meios de produção, põe fim à anarquia e inicia a superação da exploração, rumo ao "salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade". E situa o socialismo científico como "expressão teórica do movimento proletário" – capaz de infundir-lhe "a consciência das condições e da natureza de sua própria ação".

Alguns destaques

I – O socialismo científico tem suas raízes nos fatos materiais da sociedade moderna e nas idéias dos grandes pensadores do século XVIII.

Os socialistas utópicos: Socialistas, porque suas idéias – enquanto crítica das injustiças e das condições de exploração da sociedade capitalista – traziam, em germe, posições econômicas e políticas que apontavam para o fim da exploração do homem pelo homem. **Utópicos**, no sentido de vislumbrar uma ordem social ideal, não realizável nas condições concretas em que viviam.

Traço comum entre eles: não atuavam como representantes dos interesses do proletariado – "suas teorias incipientes refletem o estado incipiente da produção capitalista e a incipiente condição de classe" (o proletariado ainda não despontara com ação política própria). Predominavam, em suas teorias:

- a reiteração das idéias da revolução francesa: império da razão e da justiça eterna – instauração de um Estado racional, capaz de ajustar a sociedade aos ditames da razão;
- a constatação de que as instituições sociais e políticas reais não correspondiam às idealizadas pelos revolucionários burgueses;
- a idéia de que as injustiças seriam corrigidas se aparecesse um gênio capaz de convencer os homens sobre a verdade, enfim descoberta;
- a pretensão de tirar da cabeça a solução para os problemas sociais e traduzi-la em experiências que pudessem servir de modelo para um sistema mais perfeito de ordem social.



Principais idéias

a) **Saint-Simon** (1760-1825) – intelectual de origem nobre.

- somente os que trabalham podem usufruir dos bens da sociedade: "todos os homens devem trabalhar";

- necessidade da luta dos "trabalhadores" (os operários assalariados, mas também os fabricantes, comerciantes e banqueiros) contra os "ociosos" (a nobreza, o clero e todos os que viviam de renda, sem atuar na produção ou no comércio);

- a Revolução Francesa como luta de classes entre a nobreza, a burguesia e os **desposuídos**; segundo Engels, "uma descoberta verdadeiramente genial" para a época;
- a política como ciência da produção – em germe, a noção da situação econômica como base das instituições políticas e a idéia de "abolição do Estado".

b) **Fourier** (1772-1837) – escritor, crítico da sociedade burguesa.

- crítica das condições sociais existentes – desmascarando a falácia do discurso burguês;
- crítica das relações entre os sexos e da posição da mulher na sociedade – "o grau de emancipação da mulher numa sociedade é o barômetro natural pelo qual se mede a emancipação geral";

- análise das contradições da civilização – "a pobreza brota da própria abundância";
- visão dialética – "toda fase histórica tem sua vertente ascensional, mas também sua ladeira descendente".

c) **Owen** (1771-1858) – sócio e gerente de uma indústria têxtil.

- defesa de condições humanas de vida e educação aos operários e seus filhos – com medidas colocadas em prática na sua empresa, uma espécie de colônia-modelo: jardins de infância, redução da jornada de trabalho, manutenção de emprego e salário, mesmo em ocasiões de crise;

- constatação de que a filantropia não diminuía a distância entre ricos e pobres; daí a perspectiva comunista – idéia de reforma social que mexesse na propriedade privada;

- participação em movimentos sociais e luta por progressos para a classe trabalhadora: limitação do trabalho da mulher e da criança nas fábricas; criação de cooperativas de produção e de consumo ("o comerciante e o fabricante não são indispensáveis");

● *Anote outras idéias dos socialistas utópicos e comentários de Engels sobre seus méritos e equívocos: Capítulo I.*

HISTÓRIA DA LUTA PELO SOCIALISMO 7

Acúmulo de forças



Engels e delegados da II Internacional, em 1889

A fase entre a Comuna de Paris (1871) e a I Guerra Mundial (1914) foi de desenvolvimento relativamente pacífico do capitalismo. Uma burguesia cada vez mais possante enriqueceu "pacificamente", às custas de um proletariado cada vez mais numeroso. As guerras e revoluções ficaram confinadas na periferia do sistema.

O movimento operário inventa os partidos

Para o movimento operário e socialista esta foi uma fase de acúmulo de forças. O crescimento numérico e a relativa prosperidade industrial permitiam-lhe avanços, na economia e na política.

Os sindicatos cresciam em tamanho e prestígio. Greves e manifestações popularizavam — e, às vezes, impunham — a causa dos direitos trabalhistas, tendo como carro-chefe a luta pela jornada de oito horas: ao nascer, em 1890, o 1º de Maio era uma espécie de dia de greve geral internacional pelas oito horas. A extensão do direito de voto (embora quase sempre só para os homens) abria brechas para a participação dos trabalhadores na política institucional. A I Internacional dos Trabalhadores, sob forte perseguição policial, fora dissolvida em 1876, mas em 1889 nascia a II Internacional. Na sua base estavam os partidos operários, de orientação ou ao menos sob influência marxista, em geral adotando o nome de *social-democratas*. O padrão dos partidos modernos, do século 20, nasceu sobretudo dessas experiências.

O Partido Operário Social-Democrata da Alemanha (SPD), fundado em 1869, era o mais importante: mais sólido teoricamente, mais enraizado nos trabalhadores, nos sindicatos e entidades populares, com organização mais estruturada, imprensa mais ativa e uma legião de eleitores em rápido crescimento. Em 1871 o SPD tinha pouco mais de 1% do eleitorado alemão; em 1877, 7%. Em 1878-1890, o governo perseguia o partido, contra o socialista, manteve-o encarcerado por cinco anos

seu líder, August Bebel, mas o tiro saiu pela culatra: os votos social-democratas subiram para 20% do total em 1890 e 35% (110 deputados) em 1912.

Na virada para o século 20, o clima entre os socialistas era otimista: os trabalhadores continuariam crescendo em número, avançando em seus direitos, elevando sua consciência e organização... até realizar mais ou menos tranquilamente, pela própria lógica desse avanço, a proposta do *Manifesto comunista*.

Surge o revisionismo: "O movimento é tudo..."

O conflito entre revolucionários e *revisionistas* mostraria que as coisas não eram tão simples. Ele veio à tona em 1899, quando o dirigente do SPD Eduard Bernstein publicou o livro *O socialismo teórico e o socialismo prático*.

Sem romper às claras com o marxismo, Bernstein pregava a *revisão* (daí o termo *revisionismo*) da sua essência revolucionária: julgava que o capitalismo se capacitara a superar suas crises, que o socialismo era possível mas não inevitável, e seria fruto da acumulação gradual e pacífica de pequenas conquistas. Seu lema — "O movimento é tudo, o objetivo, nada" — sintetizava o conteúdo de todas as tendências reformistas no movimento operário.

Contra Bernstein ergueram-se numerosas vozes, desde o então prestigiado Karl Kautsky e a jovem Rosa Luxemburg, no próprio SPD, até Lênin, na Rússia. Ao menos na teoria, o marxismo revolucionário venceu essa primeira batalha contra o *revisionismo*. A fase de desenvolvimento relativamente pacífico do capitalismo levava o movimento a certa acomodação. Quando a I Guerra inaugurou uma nova fase, de turbulência e crise revolucionária, o dilema entre o caminho da revolução e o do reformismo retornou com toda força, abrindo a primeira grande divisão do movimento.



O mundo assiste a uma crise “do organismo capitalista”, afirmou o presidente do PCdoB, João Amazonas, durante reunião da Comissão Política ampliada do Comitê Central. “A terceira grande crise do sistema é mais grave que as duas anteriores”, disse.

A crise não é passageira

Carlos Pompe

O presidente do PCdoB, João Amazonas, considera que a atual crise capitalista “não é passageira”. A afirmação foi feita durante reunião da Comissão Política ampliada do PCdoB, realizada em São Paulo, dia 27. Para ele, a atual crise “agrava as quatro grandes contradições do capitalismo, que continuam em vigor: a contradição entre o capital e o trabalho, a contradição entre as nações dependentes e o imperialismo, a contradição entre os países capitalistas e a contradição entre o capitalismo e o socialismo. Devemos destacar, contudo, que a contradição que mais se avulta hoje é a que se dá entre as nações dependentes e o imperialismo. Isso é im-



portante, pois reflete-se diretamente na tática, na ação política que devemos desenvolver. É por ser essa a contradição principal que o nosso combate hoje não é entre a esquerda e a direita, mas entre a centro-esquerda, envolvendo aí os patriotas e os setores nacionalistas, e a direita. Por

isso, nosso leque de alianças deve abarcar os setores democráticos e contrários ao neoliberalismo. É essa aliança que buscamos realizar na *União do Povo - Muda Brasil*, contra o governo de Fernando Henrique Cardoso.

O líder comunista lembrou que a primeira grande crise do

capitalismo, no início do século, resultou “na I Guerra Mundial e na Revolução Socialista de Outubro de 1917. A crise seguinte levou ao fascismo, resultou em conflito armado – a II Guerra Mundial –, e na formação do campo socialista e nas lutas de libertação anti-coloniais. A atual crise é mais grave. Agrava todo o sistema, todas as contradições. A crise não é só financeira, mas também econômica. Aonde a crise se pronuncia, caem os governos”.

Amazonas chamou a atenção para o fato do “imperialismo ser contra a democracia. Havendo democracia, liberdade, há uma válvula de escape para a luta popular. Em sua cruzada contra a democracia, o capitalismo já apelou para o fascismo. Agora apela

para o neoliberalismo, a chamada ‘globalização’. E busca restringir a democracia, inclusive através do voto distrital, proporcional, como na Itália e mesmo no Brasil, onde essa proposta é sempre lembrada. Na atual crise, como afirmou o 9º Congresso do nosso Partido, os Estados Unidos continuam sendo o carro chefe da reação mundial. Aí está o monstruoso bombardeio do Sudão e Afeganistão como uma demonstração recente.”

EUA atacam países africanos

Gabriela Mendonça

Os Estados Unidos bombardearam, dia 20 de agosto, dois países africanos - o Afeganistão e o Sudão. O pretexto para os ataques foi a suposta existência de uma base terrorista nas regiões atacadas (fato depois desmentido) e uma represália aos atentados a embaixadas norte-americanas no Quênia e na Tanzânia, duas semanas antes.

No Afeganistão foram efetuados seis ataques. O governo norte-americano afirmou que o alvo era o milionário saudita Osama bin Laden, acusado de financiar e planejar vários atentados terroristas nos últimos anos. Ossama é um antigo aliado norte-americano que combateu tropas soviéticas no Afeganistão, em dezembro de 1979. Bin Laden também esteve ligado à Agência Central de Informações dos EUA (CIA), que estava treinando, financiando e tentando dirigir voluntários de todo o mundo islâmico no esforço da guerra contra o comunismo.

Fábrica de remédios

No Sudão, Bill Clinton ordenou o ataque a uma fábrica de remédios, localizada num subúrbio a menos de 20 quilômetros do centro da capital do país Cartum. Mas o governo sudanês levou jornalistas e diplomatas aos escombros.

Com experiência em fiscalização de instalações militares, técnicos europeus saíram com a certeza de não existiam condições de fabricar armas químicas no local, conforme alegava Clinton. O Sudão requisitou ainda que a ONU enviasse inspetores ao prédio, mas o pedido foi ignorado. Submisso aos interesses norte-americanos, o Conselho de Segurança fingiu que o assunto não era com ele.

O presidente Bill Clinton, em pronunciamento na TV, afirmou que grupos anti-norte-americanos “procuravam adquirir armas químicas e outras armas perigosas”, como se isso justificasse o bombardeio contra população civil. Caso o argumento tivesse alguma validade, qualquer país do mundo poderia ser bombardeado, a qualquer momento. Os próprios EUA -que produzem “armas químicas e outras armas perigosas” seriam alvo preferencial do presidente Clinton!

Diplomacia servil

Inglaterra, Alemanha e Israel, aliados dos EUA, apoiaram, sem restrições, a decisão. França e a China afirmaram que o terrorismo deve ser tratado segundo regras do direito internacional. A Rússia protestou, classificando de “indecente” a atitude norte-americana. O governo Fernando Henrique Cardoso, em nota

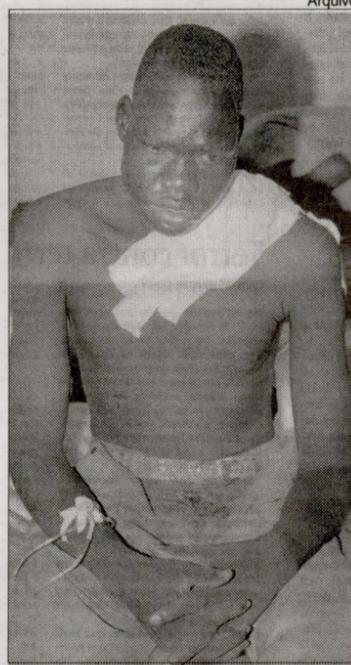
divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores, um dia após o ataque, condenou os ataques a embaixadas dos EUA na África, sem mencionar o ataque ao Sudão e Afeganistão. Mal disfarçando o servilismo aos interesses de Washington, afirma que “o governo brasileiro, que é parte de diversas convenções multilaterais e regionais sobre a matéria, continuará a participar ativamente da luta internacional contra o terrorismo”...

Como seria a reação internacional se o Estados Unidos fossem bombardeados pelo Afeganistão ou Sudão? Tudo é colocado como se os EUA tivessem o “direito natural” de intervir e destruir regiões de países (como o Sudão, tomado pela fome e pela guerra civil) que não mereceriam ser enquadrados nas regras da diplomacia, do respeito e da paz internacional.

Os Estados Unidos não mantêm relações diplomáticas com o Afeganistão desde 1979. Em novembro do ano passado, o presidente Bill Clinton impôs sanções econômicas ao governo do Sudão alegando seu papel na “proteção para terroristas internacionais”.

Mera coincidência?

Para os governos sudanês e afegão, o bombardeio serviu de pretexto para o presi-



Vítima da bomba no Sudão

dente Bill Clinton encobrir o escândalo de seu *affair* com Monica Lewinsky. Com sua reputação esfaçada e uma crise política disseminada, o ataque desviaria a atenção e a preocupação da imprensa e da população.

Histórias como essa já povoavam o imaginário norte-americano mesmo antes dos ataques. O filme *Mera Coincidência* (Wag the Dog), que está sendo exibido no país, fala em tom crítico de um presidente norte-americano que inventa uma guerra contra a Albânia para desviar a atenção do escândalo de seu romance com uma estagiária. Mais uma vez, a vida copia a arte...

UJS participa de Fórum Mundial de Juventude

A União da Juventude Socialista participou, em Portugal, de 2 a 7 de agosto, do Fórum Mundial de Juventude do Sistema Nações Unidas, organizado pela Unidade de Juventude da ONU, em cooperação com Conselho Nacional de Juventude de Portugal.

Para Ronaldo Carmona, da delegação da UJS, o fórum caracterizou-se mais como um evento para a juventude do que da juventude. “A grande diversidade da chamada representação da sociedade, composta majoritariamente por organizações como os conselhos nacionais de juventude, controlados pelos governos, acabou marcando o caráter conservador do evento”, observa.

A UJS obteve uma importante vitória política: “A partir de uma articulação, via Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD), ficamos responsáveis para apresentar, no Plenário Mundial de Organizações Não Governamentais de Juventude, uma moção sobre o embargo a Cuba”, afirma. Foi a moção mais aplaudida e de maior repercussão política do fórum. Foi a primeira vez que a FMJD, fundada em 1907, e a IUSY, fundada no final da década de 40, assinaram uma declaração de conteúdo político. A Conferência contou com delegações de todos os governos do mundo. A participação nessas e outras atividades internacionais têm servido para a entidade a UJS ampliar seu leque de relações.

Princípios, 50 edições de formação e informação

Edvar Bonotto*

Mais de cem pessoas compareceram ao lançamento da 50ª edição da revista *Princípios*, dia 26 de agosto, no Ática Shopping Cultural, São Paulo. A revista comemora também 17 anos de existência. Diversos colaboradores saudaram a importância que estes números expressam. Entre os oradores estavam o cientista Aziz Ab'Saber, presidente de honra da SBPC; o historiador Edgar Carone; o físico e professor da USP Alberto L. da Rocha Barros; o educador e professor da UNICAMP Dermeval Saviani, a educadora e professora da PUC-SP, Nereide Saviani, João Amazonas, fundador da revista e presidente do PCdoB, e Olival Freire, editor da revista.

Várias personalidades políticas, sindicais e acadêmicas compareceram, entre elas Alba Lavras (pesquisadora científica), Paula Beiguelman (historiadora e professora da USP), Aldo Rebelo (deputado federal), Ana Martins (vereadora), Altamiro Borges (Centro de Estudos Sindicais e revista *Debate Sindical*), Renato Rabelo (vice-presidente nacional do PCdoB), Walter Sorrentino (presidente do PCdoB - SP), Olívia Rangel (revista *Presença da Mulher*),

Liége Rocha (União Brasileira de Mulheres), Itamar Cavalcante (assessor de comunicação da SBPC), a escritora Antonieta Dias de Moraes, os professores Maria Auxiliadora Arantes, Jerônimo Alves, Madalena Guasco, o professor e escritor Eduardo Sucupira Filho, Mouzar Benedito (jornalista e escritor), Cláudio Fonseca (Presidente do Sinpsem), Ricardo Yorio (Sindicato dos Trabalhadores em Editorias), Gilberto Maringoni (cartunista).

Dermeval Saviani, lembrando o tema da modernidade e do atraso, ressaltou que hoje ser moderno é fazer a crítica da modernidade da exclusão social, e ser atrasado é aderir precipitada e acriticamente às tendências modernizadoras que carregam consigo aquela exclusão. O físico Rocha Barros disse que o socialismo é a modernidade, porque representa o futuro.

João Amazonas lembrou que *Princípios* não é a primeira revista política e cultural de iniciativa dos comunistas no Brasil. Falou da trajetória da revista *Problemas*, apontando suas insuficiências, principalmente o fato de reproduzir muitos artigos estrangeiros. Referindo-se à *Princípios*, destacou a sua regularidade, o leque amplo de seus colaboradores, as batalhas teóricas que a revista trava, inclusive relacionadas ao desenvolvimento teórico do marxismo. Frisou também o fato da revista responder à necessidade de informação política em muitos artigos que, embora ricos em informações pouco acessíveis ao leitor brasileiro, não representam necessariamente o ponto de vista dos comunistas.

A que veio a revista

Em seu primeiro número, em 1981, a revista *Princípios* se apresentou como revista teórica, política e de informa-

ção, que "aparece para satisfazer uma necessidade premente das forças sociais empenhadas na transformação progressista da nossa sociedade, tendo em vista elucidar problemas, aprofundar o conhecimento das causas e efeitos dos problemas que afetam a vida do povo e do país." Dispôs-se a publicar trabalhos teóricos, encarando a luta no campo das idéias como fundamental nos condições atuais do Brasil e do mundo. Para isso, esperava, a revista "crescerá com o desenvolvimento teórico e ideológico das forças de vanguarda e com o concurso de estudiosos dos problemas da emancipação



nacional e social de nosso povo". Acertou nesse rumo e, enfrentando os obstáculos que uma publicação dessa natureza sempre enfrenta, conseguiu firmar-se como uma revista teórica, de informação e formação, respeitada pelos militantes da causa do progresso em nosso país, instrumento para a ação dos trabalhadores na luta por uma sociedade mais avançada.

Da primeira à atual quinquagésima edição, as páginas da revista apresentaram o desenrolar da conjuntura internacional e da realidade brasi-



Lançamento da *Princípios* 50, em São Paulo

leira. De textos reproduzidos dos clássicos e de colaboradores estrangeiros à predominância de colaboradores nacionais e à abordagem de temas candentes da atualidade, e revista foi, aos poucos, demonstrando um peculiar fôlego teórico, ampliando a cada número o leque de estudiosos que fazem de *Princípios* um instrumento reconhecido pela sua qualidade.

Nestes 17 anos de existência, a revista publicou mais de 500 artigos, envolvendo mais de 300 colaboradores diretos, entre eles Álvaro Cunhal, Armando Cossuta, Aziz Ab'Saber, Cerqueira Leite, César Benjamin, Clóvis Moura, Décio Saes, Dermeval Saviani, Edgard Carone, Erwin Marquit, Florestan Fernandes, Gofredo Telles Jr, Ichi Terukina João Amazonas, Luís Marcos Gomes, Miguel Arraes, Miguel Urbano Rodrigues, Nelson Werneck Sodré, Newton da Costa, Oscar Niemeyer, Paula Beiguelman, Perry Anderson, Roniwalter Jatobá, Wanderley Guilherme dos Santos, Vladimir Sachetta, entre outros ...

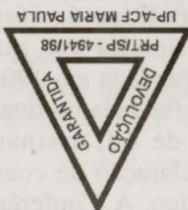
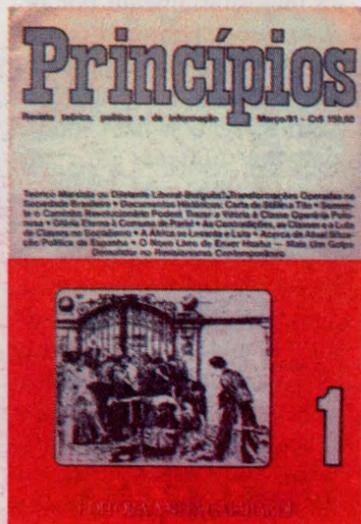
Melhorar sempre

Princípios não pára; continua a luta para melhorar sempre, enriquecer as abordagens, diversificar sua pauta e ampliar a lista de colaboradores. O aprofundamento teórico do conhecimento da rea-

lidade nacional, do mundo do trabalho, do desenvolvimento das ciências, das artes e da cultura e afirmação da cultura nacional – que necessita uma atenção especial –, da luta pelo socialismo, pela democracia da defesa da soberania nacional e o desenvolvimento do pensamento marxista caracterizam as preocupações editoriais e são temas permanentes para captação de matérias.

Princípios prossegue, assim, sua trajetória como uma voz dissonante do pensamento único neoliberal que a imprensa da burguesia impõe à opinião pública brasileira, como uma contribuição que os comunistas brasileiros colocam à disposição das forças nacionalistas, democráticas e populares.

Colaboraram José Carlos Ruy e Olival Freire Jr.



IMPRESSO

Rua Adoniram Barbosa, 53 - Bela Vista
CEP 01318-020 - São Paulo - SP

Tel.: (011) 3104.4140



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois